

A IMAGEM DO BRASIL E DOS BRASILEIROS NO DISCURSO MIDIÁTICO ESPANHOL

Luana Lisboa Barrere, UFES¹

Resumo: A produção de discursos da mídia internacional sobre o Brasil está em efervescência. No contexto de preparação para a Copa das confederações e para a Copa Mundo no ano de 2013 a 2014, a insatisfação dos brasileiros pelo custeamento exorbitante desses megaeventos somou-se a outros antigos problemas, como a deficiência na prestação de serviços públicos no âmbito da saúde, transporte e educação, gerando uma grande insatisfação nacional. Nesse entorno, ao analisar artigos *online* do jornal espanhol *El País*, verifica-se uma grande difusão de textos e imagens sobre o Brasil nesse período de realização dos mencionados eventos, situação que culminou no início das manifestações populares, movimento em favor da reforma das políticas do país, o qual ganhou grande repercussão e visibilidade mundial, sobretudo durante os meses de Junho e Julho de 2013. É com o objetivo de captar os modos de se dizer e ver o Brasil e os brasileiros no exterior, que aqui se propõe um estudo fundamentado em teorias da Análise do discurso (AD), utilizando fundamentalmente o conceito de *ethos* discursivo de Dominique Maingueneau, sendo a principal categoria escolhida para a análise de textos da imprensa espanhola, que constituem o *corpus* deste trabalho. A metodologia adotada consiste em dialogar o conceito de *ethos* do citado autor com teorias da cultura (Hall, 2004) e a noção antropológica de *ethos* (Geertz, 1978). O material a ser analisado é composto de reportagens e cartas de opinião do jornal em questão, traduzidas ao português, as quais apresentam tematizações e conteúdos melhor elaborados e consistentes acerca das manifestações populares no país, contemplando os propósitos da análise. Em suma, é à luz das categorias e operações aqui descritas previamente que a análise do *corpus* será efetuada.

Palavras-chave: Mídia. Discurso. *Ethos*. Manifestações.

Introdução

O Brasil, no contexto desta segunda década do século XXI, encontra-se tensionado por diversas mudanças, sobretudo no âmbito da economia e do esporte, por haver sido escolhido para sediar o mundial de 2014, responsabilidade que o colocou em constante destaque no mundo. A *Revista Veja* publicou, em janeiro de 2012, a matéria “O Brasil aos olhos do mundo”, em que são apresentados resultados de uma grande pesquisa acerca das imagens construídas do Brasil no exterior, cujo resultado apontou que o país está vivenciando um processo de mudança nas formas de ser dito e visto, o que se intensificará com a realização da Copa. É inegável o fato de o futebol brasileiro ser um eficaz fomentador de sentimentos, sentidos e de imagens do Brasil, consagrado e conhecido mundialmente como o “país do futebol” e por isso o povo brasileiro está na iminência de vivenciar um momento importante de afirmação e veiculação de enunciados sobre o país, em função das questões do futebol, uma das mais conhecidas fontes de identificação cultural do povo brasileiro. Todavia, nesse contexto de preparação da realização da Copa do mundo, muitos brasileiros, em resistência aos altos custos do evento e motivados por um forte sentimento de insatisfação, preencheram as ruas do país com cartazes, “gritos de guerra” e marchas, dando origem às manifestações populares nacionais, devido a diversos problemas sociais ainda não solucionados.

Efetuada um breve percurso sobre a história das manifestações no ano de 2013, sabe-se que, inicialmente, a origem das mobilizações se deu em virtude da reivindicação do aumento da tarifa do transporte público, e os protestos se iniciaram na cidade de Porto Alegre no final do mês de março, pelo mesmo motivo, os quais se estenderam pelo Sudeste do país, como na cidade de São Paulo, que por meio do movimento Passe Livre (MPL), foi reivindicada, também, a suspensão do aumento de vinte centavos na passagem. A partir do mês de Junho de 2013, as manifestações ganharam força e se dividiram em dois momentos com características distintas, porém ambos tiveram sua organização por meio da internet, nas redes sociais como o Facebook e o Twitter. O primeiro momento das manifestações se caracterizou pela quase não

¹ Mestranda em estudos lingüísticos, UFES.

presença da mídia, a pouca aceitação e aderência da população ao movimento, e, sobretudo, pela violência dos conflitos entre manifestantes e polícia, que ocorreram principalmente no sudeste do País (Espírito Santo e São Paulo), cuja polícia dos estados locais, na tentativa de conter a marcha dos populares, adotou uma postura muito violenta.

Tomando como exemplo da violência no movimento os manifestantes capixabas, no estado do Espírito Santo, travaram no mês de Julho, um tenso confronto com a Polícia Militar; alguns se aproveitaram do momento e depredaram, em nome da própria manifestação, diversos patrimônios públicos e privados, e com isso a violência dos militares para reprimi-los gerou uma grande inconformidade por parte dos que protestavam pacificamente, havendo a necessidade da questão sobre a violência ser integrada às pautas de reivindicação, uma vez que os manifestantes pacíficos também foram feridos com balas de borracha e co-inibidos com gás de efeito moral. Tais ações de vandalismo cometidas por esse grupo minoritário chamaram a atenção da mídia, conduzindo-a a uma atitude errônea, por ter dado ênfase em noticiar essas atitudes, quando, na verdade, a maioria dos capixabas conduziu brandamente o movimento. Já o segundo momento das manifestações no Brasil se diferencia do primeiro, por ter sido marcado por protestos mais pacíficos, havendo, também, uma cobertura midiática muito maior, o aumento da participação popular nos movimentos, diminuição dos conflitos entre a polícia e os manifestantes e o atendimento do governo mediante as reivindicações e exigências acerca da redução das tarifas dos transportes públicos.

É pela importância desses acontecimentos no cenário nacional e internacional, que surge a necessidade de aproximação ao universo discursivo da mídia espanhola durante o período das manifestações, no intuito de perceber como esses discursos midiáticos tem apresentado modos de dizer e ver o Brasil e o os brasileiros, na construção de múltiplas facetas e identidade(s) cultural(s) do país frente aos olhos do mundo.

Discussão teórica em torno das noções de *ethos*. *Ethos* Retórico

Não é uma tarefa simples trabalhar com a noção de *ethos*, uma vez que, além de seu caráter interdisciplinar, é também uma concepção sem estabilidade, sem definições únicas e concretas, podendo ser adotada por distintos pontos de vistas e utilizada em uma vasta rede de conceituações. Devido a isso, antes de se chegar à noção de *ethos* discursivo desenvolvida pelo teórico francês Dominique Maingueneau, é necessário, ainda que brevemente, tecer comentários acerca da concepção clássica de *ethos* retórico, elaborada por Aristóteles, pelo fato de esta ter dado abertura à formulação de novas ideias para as ciências que presentemente estudam o discurso.

Segundo a retomada da perspectiva aristotélica feita por Maingueneau em *Cenas da Enunciação (2008)*, o teórico aponta que a palavra *ethos* tem um sentido desprovido de concretude e especificidade, prestando-se a múltiplas adoções e implicações, uma vez que o *ethos* foi objeto tratado de maneira distinta na *Política* e na *Retórica*, haja vista que na última obra o filósofo designa ora propriedades associadas ao orador enquanto ele enuncia, ora disposições estáveis atribuídas a indivíduos inseridos em comunidades” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 63) Neste texto, seguindo as linhas de sua leitura da retórica Aristotélica, Maingueneau comenta que:

Escrevendo sua *Retórica*, Aristóteles pretendia apresentar uma *techné* cujo objetivo não é examinar o que é persuasivo para tal ou qual indivíduo, mas para tal ou qual tipo de indivíduos. A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói

Sendo assim, pode-se dizer que *ethos* consistiria em um tipo de elemento retórico que mobiliza o orador dentro do evento enunciativo, a garantir o convencimento e confiabilidade de seus ouvintes por meio de sua oratória, que tem implicação direta com o processo de construção de uma imagem de si. Todavia, para que esse orador consiga persuadir o seu público, há outros dois elementos (ou recursos) retóricos que se unem ao *ethos* em situações concretas de enunciação: o *páthos* e o *logos*. O primeiro corresponde às “paixões” despertadas nos ouvintes, já o segundo, às argumentações, ao próprio discurso do orador.

Embora se saiba que a contribuição do pensamento de Aristóteles referente ao estudo do *ethos* para a história e para os estudos modernos das ciências da língua tenha sido muito importante, sua concepção se limita, pois não dá conta de descrever e explicar muitos outros aspectos que estão subjacentes ao *ethos*, sobretudo seu caráter discursivo. As concepções mais apuradas e detalhadas acerca do *ethos* elaboradas por Maingueneau, representante da análise do discurso (AD), ganharam destaque por darem um grande salto na maneira de se pensar muitas outras questões imbricadas ao *ethos*. Por conseguinte, a noção de *ethos discursivo* desse teórico será adotada na abordagem de análise aqui pretendida, devido à sua significativa amplitude, que oferece consistência a quaisquer pesquisas no âmbito do discurso.

Ethos Discursivo

No início dos anos 80, Maingueneau começa a avançar em suas reflexões acerca do conceito de *ethos*, sobretudo devido às problemáticas que surgiram sobre o discurso, envolvendo a evolução da atividade discursiva das mídias e da publicidade. Aprofundando-se em seus estudos, o estudioso francês, percebendo que as idéias de Aristóteles se restringiam à figura do orador e a processos meramente de persuasão, vai mais além dessa visão, quando se dedica a observar que os sujeitos, quando inseridos em processos gerais de enunciação, apropriam-se de determinadas posições discursivas.

Maingueneau ao perceber a complexidade das questões que envolvem o *ethos* e também pelo fato de afirmar que a fala não se deixa governar mais pelos mesmos dispositivos do mundo clássico (MAINGUENEAU, 2008a, p.63), apresenta sua concepção pessoal, inscrevendo o *ethos* não mais em uma perspectiva retórico-argumentativa, mas agora, discursiva, elaborando concepções e definições mais abrangentes, que dêem conta de compreender melhor a origem, o envolvimento e as influências do *ethos* nos discursos. Dentre as definições apresentadas por ele, apresentaremos a que mais se destaca, devido ao seu valor elucidário e inovador:

[...] o *ethos* é uma noção discursiva; ele se constitui por meio do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior à fala; o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro; o *ethos* é uma noção fundamentalmente híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada (MAINGUENEAU, 2008a, p.63).

Não há dúvidas de que essas definições instauram uma nova forma de se pensar o *ethos*, compreendendo-o, agora, como um dado do discurso que exerce influência na formação de representações sociais positivas

ou negativas² sobre quem fala.

É pelo fato de tocar em questões psicológicas e físicas dos sujeitos do discurso, que o *ethos*, para Maingueneau, se transforma em uma noção mais “encarnada” (MAINGUENEAU, 2008a), em que reconceitualiza o antigo pensamento de Aristóteles, não se limitando mais à dimensão linguística, mas recobrando, agora, os dados situacionais, históricos e psicossociais do locutor, no momento da produção do discurso; significativamente o *ethos* deixa de ser um dispositivo estritamente relativo ao exercício da argumentação, passando a pertencer a imaginários individuais, a conduta de valores e comportamentos e, principalmente, à linguagem dos sujeitos.

Maingueneau propõe a existência de duas dimensões que passam a formar parte da noção discursiva de *ethos*: caráter e corporalidade, dentre as quais a primeira consiste na atribuição de traços psíquicos associados à figura do enunciador feita por seu interlocutor pelo seu tom³; enquanto que a segunda diz respeito a uma produção de imagem corporal do enunciador no ato de produção do discurso; isto é, o *ethos* passa a estabelecer um laço entre a construção dessa corporalidade, por meio do tom usado pelo enunciador, permitindo que o leitor ou o ouvinte construa representações subjetivas e dinâmicas dele. É em função desse processo que o enunciador, então, se transforma no fiador, que é uma imagem discursiva construída por meio da incorporação feita pelos interlocutores, resultante da assimilação e internalização da(s) maneira(s) com a(s) qual(s) o enunciador se movimenta e se comporta em seu mundo discursivo, que, segundo Maingueneau, se chama “mundo ético”, do qual esse fiador é parte prenante:

Mesmo com os aprimoramentos nas concepções de Maingueneau, até então ainda se percebe o foco da noção de *ethos* na figura de quem fala, pouco se sabendo sobre a presença e funcionamento do *ethos* de quem ou do quê se fala. É neste momento que surge, então, a necessidade de discutir sobre o *ethos* no objeto do discurso, haja vista que a proposta deste estudo é observar os *ethé* produzidos do Brasil e dos brasileiros, ao lado do *ethos* dos enunciadores, que são jornalistas ou correspondentes que escrevem suas matérias para o jornal El País. Portanto, algumas considerações sobre o assunto serão feitas seguidamente, na tentativa de tornar este trabalho mais explicativo e consistente. Nessa esteira, encontramos estudiosos da AD e da linguagem que indicam que o *ethos* pode estar relacionado a outros elementos e/ou instâncias do discurso; Patrick Charaudeau (2006) esclarece essa questão, quando diz:

De fato, o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê (CHARAUDEAU, 2006, p. 115).

Sendo assim, ainda que Maingueneau tenha circunscrito sua noção de *ethos* à figura do enunciador, há, também, a possibilidade de pensar o discurso como sendo capaz de atribuir aos objetos de discurso um caráter e uma corporeidade. Nesse sentido, a noção de *ethos*, portanto, se aproximaria mais de uma concepção de *ethos* associada às imagens e às características de um indivíduo ou de um grupo, que a antropologia já vislumbrava como sendo o *ethos* de um povo, e é Clifford Geertz (1978), teórico das ciências sociais, que desenvolve a noção antropológica de *etho*, afirmando ser um elemento resultante do contato inter-cultural, que exerce influência nos processos sócio-cognitivos de construções de visões

2 Representação social aqui entendida como atribuição de uma imagem simbólica de alguém; é uma maneira de se pensar e interpretar comportamentos e características dos sujeitos. Essas definições estão embasadas nas concepções de Serge Moscovici, estudioso das ciências sociais.

3 É relevante salientar que termo “tom equivale tanto para o escrito quanto para o oral.” (MAINGUENEAU, 2008a, p.64)

de mundo e qualidades de um povo. Geertz sustenta essa ideia ao revelar que a cultura não é um sistema inato aos sujeitos, mas sim, incorporado por eles, por meio de signos simbólicos que os permitem produzir valores; isso significa dizer que o *ethos* consiste em um tipo de mecanismo sócio-cultural, internalizado e partilhado pelos sujeitos de um grupo que ao interagir com demais grupos em um determinado tempo histórico passam a construir e representações sociais uns dos outros.

A discussão até então realizada sobre os *ethé* produzidos pela mídia espanhola fomenta a aparição de questionamentos fundamentais para execução da análise discursiva deste trabalho: quais fatores conduziram os correspondentes do jornal *El país* a construir seus imaginários sobre o Brasil e o povo brasileiro? Quais dispositivos foram usados e acionados na formação de tantas imagens? As respostas para essas perguntas gradativamente aparecerão e serão exploradas a partir da próxima subseção, dando início efetivo e corpo a esta investigação.

Análise do corpus. “O POVO BRASILEIRO ”

Este texto é uma carta de opinião publicada em 23 de Junho de 2013, escrita por um leitor francês para o jornal *El País*. Embora o texto seja pequeno, há um discurso explícito acerca do comportamento dos brasileiros nas manifestações, tornando-se muito importante na observação da formação de imagens:

“[...] Frente ao clamor popular, o Governo deu marcha atrás. Entretanto, longe de desaparecer, o movimento ganhou força. É que na América Latina há muitas matérias pendentes: corrupção, desigualdade social, violência, manipulação dos meios de justiça. Estas mobilizações populares tem sempre, como o carnaval, algo de festivo e de trágico e de sagrado. O interessante aqui é que o povo, tão criticado por Tarde e por Freud, infantilizado por uma série de Governos carismáticos e populistas exige, hoje, horizontalidade e transparência. E tudo isso sem deixar-se manipular pelas ideologias. É inevitável não ver nesta efervescência dionisíaca algo saudável, um signo de maturidade, um primeiro passo na construção de uma sociedade nova⁴” (tradução minha).

Percebe-se a construção de um *ethos* positivo do povo brasileiro, visto como povo maduro “*um signo de maturidade*”, que não mais se conforma com ideologias alienadoras do governo, e que no afã de um sentimento de insatisfação desde a aparição das ditaduras nacionais, saiu às ruas novamente, para fazer-se ouvir a voz de uma sociedade que suplica por mudanças. É conferida aos brasileiros uma imagem de superação, que por conta do seu posicionamento seguro e bem orientado “*o interessante aqui é que o povo, tão criticado por Tarde y por Freud, infantilizado por uma série de Governos carismáticos e populistas exige, hoje, horizontalidade e transparência*”, tem conseguindo desmitificar representatividades antigas a seu respeito. Além disso, um pouco da história sofrida do Brasil por conta das severas ditaduras é retratada no texto, captando-se a formação de uma representação de nação unida e fortificada aos brasileiros, no seguinte trecho:

“‘O povo unido (...)’. Guiados por este grito de guerra, a juventude setecentista enfrentou as ditaduras na América Latina. O resultado é conhecido. Repressão e milhares de mortos [...]” (tradução minha).

A menção do conhecido e célebre grito de guerra nacional “um povo unido, jamais será vencido!”, símbolo popular do movimento nacional que na década de 80 surgiu para dar força à campanha pelas “Diretas já”⁵, foi uma marca deixada no discurso, a qual resgata a cultura da luta brasileira pela igualdade política e

4 Os textos originais de cada matéria analisada podem ser vistos por meio dos links disponibilizados nas referências.

5 Movimento brasileiro popular de reivindicação por eleições diretas para a presidência do Brasil ocorrido nos primeiros anos da década de 80.

social; Hall já refletia sobre as culturas nacionais, enquanto elemento fomentador de sentidos, dizendo que:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre uma 'nação', constroem identidades. Esses sentidos são contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2004, p.51).

Desse modo, o aparente conhecimento da cultura brasileira e do panorama sócio histórico da época foi usado pelo enunciador como estratégia discursiva que aciona a produção de sentidos, o qual tem efeito direto sob a construção de uma imagem fixa dos brasileiros, atribuindo-lhes um *ethos* de povo guerreiro e batalhador, pertencentes a uma mesma família nacional, que de novo se reúne com o mesmo espírito dantes, para lutar com voz e corpo por um país que renegue as desigualdades e abraça a justiça.

“Por que o protesto no Brasil é diferente?”

Os protestos nem bem haviam se iniciado e os brasileiros já estavam sendo muito mal vistos. O discurso desta reportagem não poupou qualificações ruins para se referir ao caráter das manifestações, que, comparadas a outros movimentos de países como os EUA e, sobretudo, Espanha, foram expressamente desvalorizadas pela imprensa espanhola:

“O protesto brasileiro que se estende cada dia como uma mancha de óleo por todo o país e que tem surpreendido a opinião mundial é diferente das demais, como por exemplo dos indignados de Madrid, a Primavera Árabe ou a americana dos Occupy. Por quê? Poderia dizer que é *brasileiro*, um povo com uma idiosincrasia especial que nem sempre entra nem sequer nos cânones de outros países do continente. Em primeiro lugar, o protesto é diferente porque não tem nome. O chamamos simplesmente de “protesto” ou “manifestações”, porque não foi batizado. Não nasce, como o de outros países europeus, contra os “recortes” e o empobrecimento dos serviços sociais. Aqui protestam não pelo o que perderam, mas sim pelo que ainda não lhes foi dado ou porque acreditam que lhes deram por incompleto” (tradução minha).

O enunciador ao comparar o protesto brasileiro com outros desvaloriza a imagem do país, prestigiando a cultura de países bem desenvolvidos (EUA, Arábia, Espanha), constituindo o *ethos* negativo do Brasil. O comentário acerca da falta de um nome para o movimento manifestante brasileiro é uma pista que leva à construção de um *ethos* de país sem identidade “o protesto é diferente porque não tem nome”, não valorado aos olhos do mundo por não apresentar características próprias que lhe confirmem reconhecimento, sendo pomenorizado, pois “nem sempre entra nem sequer nos cânones de outros países do continente”, assumindo uma posição subalterna. É importante atentar para o fato de que se trata do discurso de um enunciador europeu, e o *ethos* de país subalternizado conferido ao Brasil é fruto do pensamento dominante produzido e reproduzido pela história da colonização da América, da qual os espanhóis participaram veementemente, e por isso as relações de poder se impregnam em cada representação elaborada, porque:

O discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso, que passa por verdadeiro, que veicula o saber (o saber institucional), é gerador de poder (BRANDÃO, 1991, p.31).

Não novo o fato de o Brasil ser repetidamente visto como um país lento, de desenvolvimento tardio; esse imaginário também pode ser conseqüência da posterior descoberta do continente americano, quando comparada a do continente europeu, motivo que ofereceu condições para a invenção de uma tradição a respeito da cultura do país:

[...] *Tradição inventada* significa um conjunto de práticas..., de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, a qual, automaticamente, implica uma continuidade com um passado histórico adequado” (HALL, 2004, p.55).

Tal tradição inventada abre espaço para o surgimento de mitos culturais, que contribuem para a reprodução e mantimento do *ethos* depreciativo do Brasil, o qual não cessa de ser construído no decorrer do discurso:

“[...] Até no modo de realizar-se as passeatas através das cidades é diferente, por exemplo, da dos Indignados de Madrid. Ali os manifestantes se sentavam para elaborar propostas, discutir reivindicações nas que participavam as mentes pensantes da universidade. De alguma forma era estática. Aqui, a massa de milhares de pessoas se move como em um êxodo bíblico por diferentes pontos da cidade, no tem meta fixa, estão simplesmente juntos [...]” (tradução minha)

Aqui se verifica a presença de um *ethos* de país incapaz, formado por meio de um discurso que sustenta a ideia de que os brasileiros não conseguem elaborar estratégias de atuação e nem são capazes de pensar reivindicações plausíveis e específicas; além do mais, ao haver comparação do protesto madrileno ao do Brasil, vê-se que ao primeiro é conferido prestígio, em detrimento do segundo, havendo uma tentativa desvalorizá-lo, no uso do argumento de que os brasileiros saíram desordenadamente como um “*êxodo bíblico*” para as ruas, sem antes haver pensadores que articulassem as passeatas, nem metas fixas que as consolidassem, o que desqualifica e produz uma imagem deturpada das manifestações.

“O Brasil, Esse Adolescente Rebelde ”

Esta reportagem redigida por um dos correspondentes do jornal *El País* foi divulgada no início do mês de Julho, período em que as manifestações ainda estavam intensas. O assunto se dá no entorno do descontentamento da sociedade brasileira pelo fim da aparente estabilidade dos oito anos do governo Lula e a insatisfação da sociedade brasileira por conta dos problemas e gastos exacerbados que eclodiram no governo de Rousseff, situação que tem sido vista como rebeldia brasileira, com a presença declarada de más representatividades contidas no discurso:

“O Brasil está em plena rebeldia. É um adolescente que se revoltou contra os pais, os políticos. Dizem que ninguém sabe o que quer quando quer tudo. E, sem esperar, sai quebrando o mundo” (tradução de Cristina Cavalcanti).

Verifica-se a formação de um *ethos* negativo do Brasil, uma vez que, ademais desse argumento, o próprio título já carrega consigo uma forte representação do país, enquanto adolescente revoltado com seus pais. Há, também, a formação de um *ethos* de país indeciso, resultante da argumentação do enunciador, o qual sustenta que a nação brasileira não sabe pelo o quê reivindica, fundamentando suas atitudes em motivos diversos, sem especificidades “*dizem que ninguém sabe o que quer quando quer tudo*”, por querer “brigar” por tudo, e, conseqüentemente, sai “*quebrando o mundo*”; é interessante como se insiste na construção dessas imagens, cujo discurso com força vai se reafirmando:

“[...] Será que com Lula a corrupção política foi menor do que agora? Não. Pelo menos no início ela chegou a tentar conter a represa que estava transbordando. O transporte público funcionava melhor com Lula? Não, era igual. E os hospitais, as escolas e a segurança pública, funcionavam melhor? Não. Talvez com eles dois tenham melhorado, mas isso não basta para os brasileiros que descobriram o gosto adolescente da rebeldia e do protesto” (tradução de Cristina Cavalcanti).

Segundo o texto, esse “*gosto adolescente pela rebeldia*” surgiu pela falta de credibilidade do governo de Rousseff, considerando que os brasileiros estavam anestesiados e aparentemente estáveis durante todo o

governo Lula, felizes por fazer parte de um país que causava inveja no mundo, quando o assunto era a economia nacional:

“[...] Com Lula, o Brasil viveu um momento de vacas gordas, saiu da miséria e perdeu o complexo de inferioridade ante o mundo. Mas naquele momento o país era uma criança. E a criança não questiona o pai, ela o admira, principalmente quando ele a enche de brinquedos, a convence de que o pai cuida dela e lhe dá o que sabe que ela precisa, embora às vezes não seja o que gostaria” (tradução de Cristina Cavalcanti).

Além da produção de uma imagem infantilizada do Brasil, há um *ethos* de país alienado, sem vontades próprias, conformado e crente em tudo o que dizia Lula a respeito do crescimento nacional, desaparecimento das desigualdades e da pobreza; os argumentos conduzem ao entendimento que o país inocentemente se sentiu seguro com o aparente cuidado que o governo do ex-sindicalista parecia lhe oferecer. Entretanto, sequencialmente o discurso abruptamente se inverte, usando a imagem da adolescência como símbolo do amadurecimento, fruto da transição de uma fase inocente e alienada, para uma fase adulta e crítica:

“[...] Aquela criança cresceu e ficou adolescente. A barba ou os peitos cresceram. E, de repente, percebeu que quer mais que brinquedos. Quer liberdade. Quer opinar. Quer poder se rebelar contra o pai ou a mãe. Freud é sempre atual. A ambientalista Marina Silva comentou que o Brasil “recuperou a voz” e “quer mais, mas quer de outro modo”. Quer como um adulto. Não quer apenas que respondam aos seus desejos, mas quer fazer as perguntas. Quando as crianças e os jovens começam a perguntar os adultos tremem, se desnorream” (tradução de Cristina Cavalcanti).

A rebeldia, então, passa a ser um elemento no discurso que positivamente produz um *ethos* de país maduro, que sabe o que busca, não se contentando em ser tratado como criança, fazendo com que saibam que não mais acredita em tudo o que lhe dizem, dando voz a seus próprios desejos e questionamentos. Se antes havia a reafirmação de um discurso que denegria a Brasil, neste momento a produção de uma imagem dotada de credibilidade e valorização é reforçada:

“[...] O Brasil não vive em uma ditadura. A sua democracia é sólida, mas aquelas crianças cresceram e aprenderam que lhes oferecem respostas a perguntas que não fizeram quando, na verdade, neste momento deviam ouvir as suas perguntas. O silêncio e a proibição de perguntar são típicos das ditaduras, enquanto o ruído das perguntas e dos protestos nas ruas, com todos os perigos que possam trazer, são um sintoma do crescimento dos valores democráticos. E só a democracia pode assegurar a defesa dos direitos humanos e dos desejos de um Brasil que ficou adulto de repente e, portanto, quer ser tratado como tal” (tradução de Cristina Cavalcanti).

Vê-se que as boas adjetivações referentes à democracia brasileira também são marcas discursivas que continuam sustentando a formação de *ethé* de país crescido e desenvolvido. Todavia, frente a toda essa movimentação discursiva, é inevitável não surgir alguns questionamentos: Qual o motivo da aparição de representações opostas do Brasil nesta reportagem? Como as imagens do país em um mesmo discurso se apresentaram tão distintas e instáveis? Trata-se de um processo de disseminação⁶, dado por meio de uma contra-narrativa que resulta na desestabilização da formação de identidades, justificando, então, o porquê da construção de um *ethos* negativo do Brasil (adolescente rebelde; criança alienada) e, posteriormente, positivo (adolescente maduro, crítico e crescido). Sendo assim, a aparição de determinadas atribuições e subversões dos sentidos produzidos sobre o Brasil em um mesmo espaço discursivo torna disperso e difuso o discurso deste enunciador, o que desautoriza, portanto, a plausibilidade e a concretização da argumentação usada.

⁶ Conceito elaborado por Homi Bhabha para sustentar a ideia de que as identidades são instáveis e descentradas.

Considerações finais

As concepções de Dominique Maingueneau se mostraram uma ferramenta metodológica importante e própria para oferecer embasamento teórico na realização da análise de como o fenômeno do *ethos* discursivo exerce influência sob a deflagração de imagens feita pelos sistemas de comunicação internacional. Dessa maneira, o trabalho possibilitou verificar que a imprensa espanhola produziu tanto quanto *ethé* positivos, quanto negativos do Brasil e dos brasileiros, havendo certo equilíbrio a nível quantitativo nas produções; se por um lado viu-se que os enunciadores usaram um discurso preconceituoso e irônico para se referirem ao Brasil e a seu povo, em contrapartida eles também assumiram uma postura mais democrática e mais “civilizada” em seus textos, e essas posturas simplesmente são leituras de mundo, maneiras pelas quais os enunciadores atribuíram sentidos à cultura na qual se infiltraram.

Dessa maneira, este estudo permitiu lançar um olhar sobre como os espanhóis vêem o Brasil, e, ao mesmo tempo, ver como eles tem se revelado aos brasileiros; uma troca de olhares que revela o poder do discurso em mover interesses sentimentos e, sobretudo, representatividades de uma cultura a outra. Por fim, espera-se que a diversidade das informações aqui obtidas possa contribuir para o enriquecimento do acervo de pesquisas nacionais no âmbito da análise do discurso.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth (Org). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Marcelo Silvano Madeira. São Paulo: Rideel, 2007, p. 15-25.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BRANDÃO, Helena Negamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 1991.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

EL PAÍS. Brasil, esse adolescente rebelde. Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2013/07/01/actualidad/1372685928_585892.html Acesso em: 16 jan.2014.

EL PAÍS. *El pueblo brasileño*. Disponível em: http://elpais.com/elpais/2013/06/25/opinion/1372188811_793025.html Acesso em: 16 jan.2014.

EL PAÍS. *Porque la protesta en Brasil es diferente?* Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2013/06/22/actualidad/1371931255_567644.html Acesso em: 16 jan.2014

GAZETA ONLINE. Protesto: 60 presos após atos de vandalismo. Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2013/06/noticias/cidades/1450420-protesto-60-presos-apos-atos-de-vandalismo.html Acesso em: 1 mai.2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. ed. 9°. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MAINGUENEAU, D. **Ethos, cenografia, incorporação**. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 67-92.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008a.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008b.

MAINGUENEAU, D. **A propósito do ethos**. In: MOTTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008c, p 10-15.

MAINGUENEAU, D. **Discurso Fundador**. Campinas: Pontes, 2001.

SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf> acesso em: 4 jul. 2014.